

**Gleci Mar Machado de lima**

Psicanalista do Centro de Estudos Freudianos do Recife–CEF. Professora.  
Especialista em Psicomotricidade.  
Mestre em Psicomotricidade pela Universidade de Évora Portugal.

“A Crueldade em Medéia: Reflexões na Atualidade”. Trata-se de uma análise no que diz respeito ao mito de Medeia na pós-modernidade e no mundo tecnológico, a exemplo, numa cultura pautada no imperativo do ódio, onde a exclusão das diferenças, das singularidades e das exceções é condição de crueldade. Diante de um saber que não se sabe, agressividade e ódio elevam-se em direção ao outro como uma via de acesso ao gozo, daquilo que não somos capazes de reconhecer, é nessa vereda que sujeito passa a depender do objeto e a perda do objeto pode suceder em um sofrimento intenso.

Medeia é o protótipo do amor essencialmente narcísico, no qual eu e o outro se completam, o objeto amado é constituído para ela como um prolongamento do narcisismo. Dirige-se a si mesma mostrando incentivo e coragem, impelindo seu desejo em direção à vingança. O ódio incontrolável e o desejo de crueldade, para atingir Jasão, responde ardentemente ao desamparo frente ao próprio desejo. Considerando que o próprio objeto de desejo é fugaz a uma falta, numa experiência que introduz seu próprio desconhecimento.

É do próprio desconhecimento que passa a funcionar a crueldade, paramos de ficar com dúvida e passamos para certeza, não permitimos o diferente, mas o igual se apresenta como preso na condição de identificação ao outro, produzindo discursos identificados pelo ódio, onde se diz “olha isso, eu não tenho nada haver com isso”. Trata-se como diz Mauro Mendes Dias (2012), “que o ódio é uma forma de gozo, e que, tal como o gozo incestuoso, o sujeito não quer saber de experimentar divisão, ou seja, significante que, pela sua presença simbólica, tem por função barrá-lo”.

Poderíamos dizer, trata-se, de renunciar o sintoma do ódio, sendo sustentado pelo lugar de exceção. Aqui nos interrogamos: como reconhecer esse lugar, onde a exceção é levada a horizontalidade?

Nesse ponto, isso nos leva a refletir, é a partir da fala e da escuta que podemos pensar o que implica a castração e minimamente não se colocar na posição de objeto, se é que deixamos de ser.

**Palavras-chave:** Gozo, Castração, Objeto de desejo.

## RÉSUMÉ

“Cruauté à Médée: Réflexions sur le présent”. C'est une analyse du mythe de Médée dans la postmodernité et dans le monde technologique, par exemple, dans une culture fondée sur l'impératif de la haine, où l'exclusion des différences, des singularités et des exceptions est une condition de la cruauté. Face à une connaissance inconnue, l'agressivité et la haine se développent à l'égard de l'autre comme un moyen d'accéder à la jouissance, à ce que nous ne pouvons pas reconnaître, c'est sur ce chemin que le sujet devient dépendant de l'objet et perd de l'objet peut arriver dans une souffrance intense.

Médée est le prototype de l'amour essentiellement narcissique, dans lequel moi et l'autre sommes complétés, l'objet aimé est constitué pour elle comme une extension du narcissisme. Elle s'adresse à elle-même en montrant encouragement et courage, poussant son désir vers la vengeance. La haine incontrôlable et le désir de cruauté d'atteindre Jason répondent avec ardeur à l'impuissance face à son propre désir. Tandis que l'objet du désir lui-même est fugitif, une expérience qui introduit sa propre ignorance.

C'est à partir de l'ignorance même que la cruauté commence à fonctionner, on cesse de douter et on passe pour la certitude, on ne permet pas le différent, mais l'égal égal apparaît comme un prisonnier en état d'identité à l'autre, produisant des discours identifiés par la haine, où il est dit " Regardez ça, je n'ai rien à voir avec ça. " C'est comme le dit Mauro Mendes (Hates) "que la haine est une forme de jouissance et que, comme la jouissance incestueuse, le sujet ne veut pas savoir de l'expérience de la division, c'est-à-dire un signifiant qui symbolique, a pour fonction de le bloquer. "

On pourrait dire qu'il s'agit de renoncer au symptôme de la haine, en s'appuyant sur le lieu de l'exception. Nous demandons ici: comment reconnaître cet endroit, où l'exception est prise horizontalement?

À ce stade, cela nous amène à réfléchir, c'est à partir du discours et de l'écoute que nous pouvons penser à ce qu'il implique la castration et au minimum ne pas mettre en position d'objet, si c'est ce que nous cessons d'être.

**MOTS-CLÉS:** Gozo, Castração, Objeto de desejo.